

Excelentíssimo Senhor Presidente da Academia Nacional de Medicina Acadêmico Pietro Novellino;  
Excelentíssimos Senhores Membros da Diretoria;  
Excelentíssimas Autoridades que compõem a Mesa;  
Excelentíssimas Senhoras Acadêmicas e Senhores Acadêmicos;  
Excelentíssimas Senhoras e Senhores Convidados;  
Meus ilustres amigos, meus familiares.

É com exultante felicidade e com ainda maior honra que tomo posse como Membro Titular na cadeira 87, patrono João Baptista de Lacerda da Secção de Ciências Aplicadas à Medicina da Academia Nacional de Medicina. Para todos os Senhores Acadêmicos que assim o quiseram, creio ser um lugar comum afirmar que meu ingresso nesta casa ocorre como coroação de um sonho acalentado por vários anos, até que, estimulado por amigos tão diletos quanto generosos como José Rodrigues Coura e Omar da Rosa Santos, venci minha timidez e enfrentei a primeira das provas de seleção que tem pela frente um candidato a este honroso cenáculo: extrair dos sonhos as fronteiras e neles só ver horizontes, e aí, então, decidir candidatar-se a esse Templo da Medicina Brasileira. Segundo as contas de nossos arquivos, sou o sexcentésimo quadragésimo segundo Acadêmico desta Casa ou, como preferimos dizer, o “meia quatro dois”, e o sexto mais jovem. Em decorrência, minha gratidão e reconhecimento ao Senhor Presidente e demais Acadêmicos só podem ser infinitos. Parafraseando Paulo da Silva Lacaz, eu bem vos poderia dizer “Eternamente eu vos serei devedor”.

Considero que poder dividir esta extraordinária alegria no dia de hoje com meus Confrades Acadêmicos que me acolhem nesta casa, com meus convidados, familiares e tantos amigos é uma dádiva. De fato, com o tempo aprendemos que a felicidade só é completa quando compartilhada.

Tenho que vos confidenciar, entretanto, que a este descomunal júbilo soma-se uma sensação de alívio, com o fim da pequena agonia que me acompanhou durante os intermináveis dias que sucederam à minha eleição e antecederam esta posse. Vou lhes contar. Não me lembro se já estava eleito, quando ouvi o Ex-Presidente Acadêmico Sérgio Aguinaga lembrar desta tribuna que o eleito só se torna Acadêmico após fazer o juramento e receber a insígnia e o diploma da Academia das mãos do Presidente. – “Até então, não é membro desta Casa e se *algo* acontecer antes, morre sem se tornar Acadêmico...” para a minha tortura, deu o exemplo de um quase imortal que faleceu após o discurso, e antes da posse, na Academia Brasileira de Letras, onde a ordem da posse é diferente daqui. Durante os últimos tempos, cheguei a consultar a alguns Acadêmicos: - Você sabe de algum caso ? Ninguém nunca ouvira falar, mas sempre podia haver uma primeira vez, pensava eu.

Não escapou à minha curiosidade a história das interseções de minhas, agora duas, Casas: esta e a Fiocruz. Alguns colegas do Instituto Oswaldo Cruz me precederam nesta Academia, como Membro Titular. Cito-os nominalmente: Oswaldo Gonçalves

Cruz (eleito em 1899), Carlos Ribeiro Justiniano das Chagas (1910), Antonio Cardoso Fontes e Miguel Ozório de Almeida (eleitos em 1927) e Olympio Oliveira Ribeiro da Fonseca (1928). Foi preciso esperar 50 anos para que este egrégio contubérnio se beneficiasse da presença de figuras ilustres de meu adorado Instituto com a entrada do Acadêmico José Rodrigues Coura em 1978. Os que me conhecem sabem que gosto de citar Oscar Wilde para dizer que “Podemos resistir a tudo, menos às tentações...”. Assim, não resisto a de fazer um cálculo histórico que só pode ter como resultado minha ainda maior gratidão à prodigalidade com a qual o escol da excelência da Medicina Nacional, sempre rigoroso e exigente em suas decisões, me honra franqueando-me o ingresso nesta prestigiosa Corporação e o convívio convosco. Se considerarmos que o Professor José Rodrigues Coura não era na época de sua posse ainda dos quadros da Fiocruz, onde ingressaria quatro meses mais tarde, foi só sete anos depois que nossa Instituição se fez de novo representada aqui em uma posse com o ingresso (em 1985) de Léa Camillo-Coura, a primeira médica, no corpo de Acadêmicos Titulares. Entretanto, como Léa era do Instituto Fernandes Figueira e são da Escola Nacional de Saúde Pública os meus dois outros colegas da Fiocruz, os amigos Acadêmicos Paulo Marchiori Buss (eleito em 2005) e José Gomes Temporão, o Excelentíssimo Ministro de Estado da Saúde e último a tomar posse nesta casa este ano, podemos considerar que sou empossado nesta Academia, como o primeiro Pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz que sucede a Olympio Fonseca, 82 anos após sua eleição.

Segundo o meu irmão Marcus Tadeu, professor e historiador respeitado, a família Ribeiro é antiga e ampla. Originaram-se em uma cidade com o mesmo nome em Portugal na idade média (parece que no século XIII), na época de Dom Diniz o Rei importante da dinastia de Avis, que criou a Ordem de Cristo e a Universidade de Coimbra e era casado com Dona Isabel (Santa Isabel, a Rainha Santa). É, portanto, família de quase 800 anos e parece que todo Ribeiro seria, de fato, parente. Nos arquivos da Academia constam 15 Acadêmicos com este sobrenome. O número inclui 14 Acadêmicos falecidos; entre os quais o renomado médico legista Leonídio Ribeiro, tio avô de meu pai e, até onde sei, meu único antepassado nesta Casa; e o Acadêmico Carlos Roberto Telles Ribeiro que adoto, em medida liminar, como primo a partir deste momento.

A Academia Nacional de Medicina é, não só a mais antiga Instituição Médica, mas também, a mais antiga Congregação Cultural e Científica do País. Ela tem 181 anos, apenas dois a menos que seus Anais, o mais antigo periódico científico brasileiro. A Academia foi criada em 1829, com a missão de Assessorar o Imperador em assuntos de saúde pública e de ensino médico. A Casa tem se mantido fiel, desde então, às suas tradições reunindo-se semanalmente para uma sessão científica precedida do célebre “Chá das cinco” há quase dois séculos. De sua criação aos dias de hoje a Academia teve 53 Presidentes.

Desde 1963, cada uma das 100 Cadeiras dos Imortais da Medicina Brasileira nesta Academia tem um Patrono. Reza a tradição da Casa que, em seu discurso de posse, o Novel Acadêmico homenageie o Patrono e seus antecessores na Cadeira.

## **Sobre o Patrono e os Acadêmicos que me antecederam na da Cadeira 87**

O Patrono da Cadeira que ora ocupo é o **(138º) Acadêmico João Baptista de Lacerda**. Lacerda Filho, como também se assinava, foi empossado como Membro Titular da Academia (então Imperial) de Medicina em 1885 sob a direção de Agostinho José de Souza Lima (1883-1889; 1896-1897; 1900-1901), vindo a ser seu Presidente de 1893 a 1895. Nascido em Campos em 12 de julho de 1846, concluiu o Curso de Medicina na Faculdade Nacional em 1870. No Rio de Janeiro Baptista de Lacerda desempenhava suas funções tanto na Seção de Zoologia do Museu Nacional quanto em uma enfermaria do Hospital da Misericórdia. Não consegue abrir mão da paixão crescente por seus estudos e pesquisas experimentais, e abandona a Clínica. Nomeado pelo Ministro da Agricultura Subdiretor de uma das Seções do Museu Nacional, acaba se tornando seu Diretor por vários anos. Baptista de Lacerda, que tinha Pasteur como modelo e era seguidor do método experimental, acaba se tornando um dos primeiros bio-antropologistas brasileiros, sendo premiado em 1878 com a medalha de bronze na exposição antropológica de Trocadero, em Paris. Lacerda foi um dos primeiros ofiólogos brasileiros e fez pesquisas sobre venenos de anfíbios e batráquios próprios do Brasil e sobre o curare, substância tóxica preparada e utilizada por nossos índios. Lacerda descobriu a ação do permanganato de potássio como antídoto de venenos de ofídios demonstrando-a diante do Imperador D Pedro II, do Ministro da Agricultura e de vários cientistas e professores. Tal descoberta salvou a vida de milhares de pessoas antes da descoberta dos soros antiofídicos No Instituto Oswaldo Cruz, temos orgulho da vacina preparada contra o carbúnculo sintomático (a manqueira) por Alcides Godoy, mas esta só sucedeu e substituiu aquela preparada por Lacerda anteriormente que havia feito descer a mortalidade de gado de 35% a 1% em dois meses. Faleceu em 6 de agosto de 1915, 15 dias após ter lido em Sessão desta Casa um trabalho sobre a Etiologia do Beribéri, o último que escreveria.

Também devo lhes falar dos Acadêmicos desta casa que ocuparam a Cadeira que passo a ocupar.

Nascido em Vassouras em 1864, o **(188º) Acadêmico Pedro de Almeida Magalhães** formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, na qual viria a ser Catedrático da Primeira Cadeira de Clínica Médica. Grande humanista e cientista nato, Almeida Magalhães foi comparado a Pierre Adolphe Piorry (1794-1879), médico francês que se notabilizou por criar a pleximetria, método para investigação dos órgãos internos pelo uso da percussão. Magalhães tinha extraordinária perícia nessa prática. É célebre a polêmica sobre a natureza do sopro na insuficiência aórtica que travou, com extrema elegância, com Miguel Couto. A Comissão, que examinou a memória e títulos de Almeida Magalhães e permitiu sua eleição em 17 de setembro de 1898, sob a gestão de Antonio José Pereira da Silva Araújo (1897-1900), teve João Baptista de Lacerda como relator.

O **(255º) Acadêmico Eduardo Meirelles**, da Secção de Medicina, foi eleito em 1909, sob a Presidência do Acadêmico Marcos Bezerra Cavalcanti (1909-1910). O Acadêmico e Ex-Presidente Inaldo de Lyra Neves Manta (1963-1965; 1967-1969) considerava Meirelles humilde, modesto e notável. Docente livre na Cadeira de Anatomia Patológica pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e responsável pelo Curso de Patologia da Escola de Medicina e Cirurgia, Meirelles dedicava-se também à Pediatria e, ao que tudo indica, à Medicina Legal, tema no qual dividiu um prêmio com o Acadêmico Leonídio Ribeiro. Meirelles faleceu em 1938, já como Emérito, situação que alcançou em 12 de junho de 1934. O Professor Eduardo Meirelles foi sucedido por Heráclides César de Souza Araújo em 1927 quando Meirelles foi transferido para a Secção de Medicina na vaga deixada pelo falecimento de Henrique Autran. Agradeço à Renata, dos Arquivos da Academia, pela ajuda no esclarecimento dessa parte da história.

O **(307º) Acadêmico Heráclides César de Souza Araújo**, nascido em 24 de junho de 1886 em Ibituva, no Paraná, formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1915, aos 31 anos, quando já era farmacêutico pela Faculdade de Farmácia e Odontologia de Ouro Preto há três anos e diplomado em Microbiologia e Zoologia pelo Instituto Oswaldo Cruz há dois. Doutorar-se-ia em Saúde Pública pela *Johns Hopkins University* onze anos mais tarde. Souza Araújo foi eleito em 27 de novembro de 1927 para a ANM, na gestão de Miguel de Oliveira Couto (1913-1934) e transferiu-se para a Secção de Medicina no mesmo ano. Souza Araújo trabalharia por 50 anos no Instituto Oswaldo Cruz, tornando-se um especialista em Leprologia, tendo tido a oportunidade de organizar, a convite de Getúlio Vargas, o Plano da Campanha Nacional contra a Lepra em 1933 e de assumir em 1934 a chefia do Centro Nacional de Leprologia. Souza Araújo foi autor de mais de 250 trabalhos e Professor de Leprologia da Faculdade de Ciências Médicas. O Acadêmico Heráclides César de Souza Araújo faleceu no dia 10 de agosto de 1962 no Rio de Janeiro.

O **(351º) Acadêmico Almirante Heraldo Maciel**, baiano nascido em 1º de outubro de 1892, formou-se naquele Estado e, sob influência do famoso parasitologista Pirajá da Silva, mostraria sua vocação para o trabalho de pesquisa científica no laboratório. É de especial significado, para mim, constatar que Maciel abordou o tratamento da malária em sua tese de Medicina. Foi na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, na Cátedra de Doenças Infecciosas e Parasitárias sob a regência de Carlos Chagas, que obteve sua Livre-Docência. Heraldo Maciel também se dedicaria à Hemoterapia, participando inclusive de uma Escola de Hemoterapeutas que se tornaria bastante prestigiosa. Como se não bastasse, integrante da carreira militar e Médico Pesquisador, Maciel idealizaria o Instituto Naval de Biologia que ajudaria a fundar e do qual seria Diretor por 12 anos. O ingresso de Maciel na Academia se deveu à vaga surgida pela transferência do Acadêmico Heráclides de César Araújo da Secção de Ciências Aplicadas para a Secção de Medicina Especializada, em 1927, também na gestão de Miguel Couto. Heraldo Maciel faleceu em 7 de abril de 1960

O **(437º) Acadêmico Paulo da Silva Lacaz** foi eleito em 20 de outubro de 1960, sob a Presidência de Ugo Pinheiro Guimarães (1959-1961). Lacaz nasceu em Guaratinguetá

em 27 de janeiro de 1913 em uma família cristã dedicada ao conhecimento e ao ensino. Os seis irmãos se dedicaram ao magistério, sendo Paulo (bioquímico) e seu irmão Carlos (microbiologista) médicos cientistas e Membros desta Academia. Paulo Lacaz graduou-se na Faculdade Nacional de Medicina em 1937. Conquistou a Cátedra de Química Fisiológica da Faculdade Fluminense de Medicina em 1947 e a Cátedra de Química Orgânica e Biológica da Faculdade Nacional de Farmácia no ano seguinte. Ao ser empossado, em 1952, como Professor na Faculdade Nacional de Medicina, foi carregado nos braços por seus alunos. Na Universidade Federal do Rio de Janeiro, além de outras realizações, criou o Núcleo de Pesquisas de Produtos Naturais, a Pós-Graduação na Divisão de Bioquímica do Instituto de Química e instalou o moderno Laboratório de Bioquímica do ICB. Em 1982 foi diretor do Instituto de Ciências Biomédicas. Autor de uma centena de trabalhos de pesquisa e sete teses, Lacaz foi responsável pela tradução do famoso livro de bioquímica Streyer. Ele recebeu vários prêmios antes de falecer em 17 de maio de 1991.

O **(565º) Acadêmico Gerson Cotta-Pereira** nasceu em Niterói em 18 de agosto de 1942, exatos 10 anos e um dia antes de mim. Sobre sua ausência, o Acadêmico Padre Aníbal Gil Lopes, Orador oficial desta Casa, evocou Eliezer Wiesel, Prêmio Nobel da Paz de 1986, para lembrar que “a memória alimenta a cultura do povo, nutre a esperança e torna humano o ser humano”. Filho único do desenhista Domingos dos Santos Pereira e da professora Dionysia Cotta Pereira, Cotta-Pereira fez os cursos ginásial e científico no Colégio Estadual do Liceu Nilo Peçanha, onde encontraria aquela que seria sua companheira pelo resto de seus dias e mãe de seus três filhos: Guilherme, Ricardo e Leonardo. Foi discípulo e admirador de seu grande mestre Francisco Bruno Lobo, tornou-se Assistente do Departamento, obteve seu Doutorado e o título de Livre docente e foi Professor Titular da UFRJ e também da UERJ. Realizou um pós-doutorado, três estágios de longa duração e foi Professor Catedrático Visitante em três Países: Portugal, Estados Unidos e França. Em decorrência do grande reconhecimento que tinha de seus pares da Comunidade Científica, foi membro Titular de quatro outras Academias de Medicina ou Nutrologia, além de Membro Honorário da Academia Amazonense de Medicina. Já aposentado, assumiu a Chefia da 3ª Enfermaria onde criou o Serviço de Imunoquímica e Histoquímica. Recebeu várias condecorações, entre as quais a de Cavaleiro da Ordem Soberana Militar e Hospitalar de São João de Jerusalém, Rodes e Malta, concedida pelo Grão Mestre sob a autorização de sua Santidade o Papa João Paulo II. O Acadêmico Cotta-Pereira tomou posse nesta Academia em 7 de abril de 1992, sob a Presidência de Rinaldo Victor De Lamare. Todos os que os conheceram mais do que eu, que não tive a honra de seu convívio regular, o descrevem como Professor de grande talento e apaixonado pelo ensino. Todavia, mais importante era sua paixão pela Universidade, sendo conhecida de todos a sua amargura em vê-la enfraquecida após a reforma Universitária que extinguiu as Cátedras, substituindo-as por Departamentos com Chefias eleitas pelo voto Universal podendo ser ocupada por auxiliares de Pesquisa, como o que o substituiu em decorrência de um movimento liderado por assistentes do seu Departamento. Como resultado, os amigos de Gerson foram unânimes na lembrança de que ele declarava amiúde que se encontrara finalmente no ambiente respeitoso, cerimonioso, austero e fidalgo desta Academia, que frequentava com regularidade e

amor, e na qual ocupou o cargo de Primeiro Secretário na gestão Presidida pelo Acadêmico Pietro Novellino. Provavelmente parte desse carinho pela Academia, tão apreciada por D. Pedro II, decorresse de ser o Acadêmico Cotta-Pereira um amoroso das tradições, tanto que, Monarquista, tinha, em seus locais de trabalho, retratos de nossos Imperadores e da Princesa Regente. O sentimento de desamparo vivenciado por seus amigos pode ser ilustrado pelo relato que me fez o Acadêmico João Pedro Escobar Marques Pereira: - “Gerson foi um amigo notável, modelar. Não sei se terei tempo de ter outro como ele em vida”. Evidentemente ouviu meu protesto: - “espera um pouco aí, eu acabei de chegar...” e continuou: - “minha vida profissional pode ser dividida em antes e depois de Gerson”. Deixou-nos, em 1º de janeiro de 2010, para a tristeza de seus alunos, amigos, familiares e sua adorável esposa Eliana. Pedi à Eliana que me escrevesse três linhas sobre Gerson e ela me enviou três opções, Escolhi esta “Todas as conquistas profissionais de Gerson foram feitas com perseverança, mas a que mais o glorificou foi, sem dúvida, a de fazer parte da Academia Nacional de Medicina que, hoje, chancela a sua imortalidade”. Eliana, e seus filhos Guilherme, Ricardo e Leonardo, sejam assegurados de minha admiração sem limites e meu perpétuo respeito pela figura de vosso esposo e pai, cuja figura e história, assim como a dos outros Acadêmicos que ocuparam a Cadeira 87, terei como molde para minha conduta e desempenho nesta Casa até o fim de minha vida.

### **Sobre a Comissão de acompanhamento do Acadêmico ao Salão da posse**

É protocolo da Academia a introdução do Acadêmico no Salão onde tomará posse por uma Comissão de Acadêmicos nomeados pelo Presidente, em comum acordo com o recipiendário. Sou grato ao Presidente Pietro Novelino, por aceitar minhas sugestões para a composição desta Comissão. Os que me conhecem podem acreditar no esforço que fiz para escolher somente seis nomes no universo de todos por quem desenvolvi admiração e estima no curto período de tempo passado de quando comecei a frequentar a Academia como candidato até a minha posse. São médicos proeminentes, portadores de conhecimento, renome e erudição que me receberam com carinho, mais do que com educação e cordialidade, e com deferência, mais do que com respeito e formalidade, como se eu fora já um dos seus. Sou muito profunda e respeitosamente grato a cada um dos Acadêmicos Titulares, Eméritos e Honorários, que hoje compõem esta Casa e que nela me acolhem permitindo-me gozar e usufruir de tão prestigioso convívio. No discurso de posse do Acadêmico Francisco Sampaio, aprendi que a comissão não deve ser composta exclusivamente por critérios de afeição e que, ao contrário, é recomendável que represente academicamente diferentes aspectos e momentos da relação do recipiendário com a Academia. Assim minha preocupação foi a de compor minha Comissão com um grupo de Acadêmicos que, além de amigos, espelhassem simbolicamente faces distintas de minha vivência nesta Egrégia Casa. Permitam-me reverenciar brevemente cada um dos que aceitou me honrar com suas tão prestigiosas companhias. Faço-o em ordem crescente da data de seus ingressos nesta casa.

O (517º) **Acadêmico Julio Studart de Moraes**, nascido em 1923 em Fortaleza, Ceará, é Clínico e Gastroenterologista renomado e homem erudito que conhece a Academia quase em suas entranhas por nela transitar há mais de trinta anos e por ser o depositário natural das histórias vivenciadas por seus Acadêmicos desde que decidiu narrá-las em um livro informativo como uma conferência e delicioso como morangos frescos com chocolate quente. Quando visitei o Acadêmico Júlio de Moraes, conversamos animadamente em seu belo consultório por quase duas horas. Foi apego à primeira vista, tanto que lá pelas tantas lhe expliquei que diferenças no complexo gênico HLA são as bases imunológicas para a atração de mamíferos machos e fêmeas pelo olfato, fenômeno comum e sabiamente denominado de “química” pelos jovens. Acrescentei que não tardaria para que se desvendassem, um dia, as razões para o “*coup de foudre*” (que poderíamos traduzir mal por “raio”) empático que podem experimentar indivíduos do mesmo gênero. Conversamos inúmeras vezes pelo telefone e, de certa forma criamos a folclórica impressão de que falarmos antes dos jogos da Copa do Mundo era de bom agouro... até dar no que deu. Na noite do lançamento do “Conversas na Academia”, entreguei-lhe o livro que ele deveria autografar e posei sorridente para a foto. Nela, o Acadêmico Julio examina, bastante surpreso, a capa do livro do Acadêmico Sergio Aguinaga sobre os “Painéis da Academia”, que eu também tinha em mãos e, distraído, troquei na hora do autógrafo. Ler “Conversas de Academia” em uma noite, fez crescer em mim avassaladoramente minha vontade de conhecer de perto e fazer parte dos protagonistas de histórias tão ricas quanto tradicionais, tão pitorescas quanto cheias de significado e importância para a Medicina brasileira. Seu autor, responsável por tão aguda alteração da intensidade do meu querer, não poderia deixar de estar em minha Comissão. **Obrigado, Acadêmico Júlio de Moraes.**

O (546º) **Acadêmico Sérgio Augusto Pereira Novis** nasceu, de tradicional família Baiana, no Rio de Janeiro de 1940. Homem de grande estatura, pela largueza de espírito e generosidade da alma, acolheu-me sábio em seu consultório na visita que lhe fiz. Disse-me que, às vezes, diante da excelência dos candidatos, a Academia devia abrir sofás em vez de cadeiras. Segredou-me várias opiniões pessoais sobre a Academia e deu-me conselhos valiosos para a minha campanha. Lembrei-lhe que, seu ex-aluno e de Bernardo Couto Pai e Filho, eu havia sido de tal forma encantado pelo curso de Neurologia que considerara esta especialidade como à que dedicaria minha carreira médica até ser seduzido definitivamente pela Imunologia e a Medicina Tropical. Lembrei-lhe dos Seminários que devíamos apresentar durante o Curso e um que eu havia feito por sua encomenda sobre as “Medidas gerais no tratamento do Coma” e lhe havia despertado generosos elogios, além da nota máxima. Há outros Acadêmicos desta Casa, alguns deles ex-Presidentes (Jorge Marsillac, Jarbas Anacleto Porto, José de Paula Lopes Pontes) que foram Professores dos tempos gloriosos da Escola de Medicina da Fundação Técnico Educacional Souza Marques. O Acadêmico José Rodrigues Coura já repertoriou seus nomes. Ouso julgar que minha presença aqui esta noite honra o passado da Escola cujas pujança e vitalidade podem ser ilustradas pela lista de Professores citados. Com um Curso clínico concentrado na Santa Casa de Misericórdia e em excelentes hospitais do Rio de Janeiro, ela vem forjando um Ensino com desempenho e qualidade crescentes nas avaliações do MEC. Foi para honrar

minha Escola que sugeri o nome do Professor Novis para me acompanhar nessa entrada solene no Anfiteatro Miguel Couto. **Obrigado, Acadêmico Sérgio Novis.**

O Acadêmico **(553º) Adolpho Hoirisch** é nascido em 1930. As Senhoras e Senhores presentes percebem meu cuidado em ilustrar que, embora inclua um grande número de Acadêmicos residentes na cidade do Rio de Janeiro, o que é natural por ter sido a cidade capital do Brasil por muitas décadas e também pela necessidade de se manterem operacionalizáveis as Sessões e o “Chá das cinco”, os Acadêmicos são oriundos de diferentes Estados Brasileiros. Com essa preocupação em mente fui perguntar ao Acadêmico Hoirisch seu Estado Natal. Deu-me a seguinte resposta: “Hoirisch vem do hebraico Horesch que quer dizer pequena floresta, bosque. Minha família é da Bensarábia que pertencia originariamente à Rússia. Depois da Primeira Grande Guerra passou a ser da Romênia, depois da Segunda integrou a União Soviética e, finalmente com o desmembramento desta passou a ser da Moldávia. Mas eu nasci em Bento Ribeiro, no Rio de Janeiro. Hoirisch é uma mistura de bom humor, inteligência aguda e vasta erudição. No momento em que eu preparava esta alocução e falávamos várias vezes por telefone, disse-me: - “Você está vivendo um rito de passagem, de profano para iniciado... irmão. Transforme-o em uma solenidade que o armazene perenemente em sua memória”. Foram várias as lições que tive durante a minha campanha. O Acadêmico Hoirisch me transmitiu algumas, parece que, famosas de um dos mais queridos Ex-Presidentes desta Casa. “A Academia é uma Senhora que gosta de ser muito cortejada, se você por algum acaso não for eleito desta vez, tente de novo, se for eleito, frequente-a”. Mas o meu preferido foi um comentário bem interessante, com a mesma origem. “Aqui na Academia não há lugar para grupos, mas o nosso está cada vez mais unido...”. Foi para honrar a fraternidade entre os homens e o aspecto confraria dessa consagrada e virtuosa Congregação que me honrou ter o Professor Adolpho Hoirisch nesta Comissão. **Obrigado, Acadêmico Adolpho Hoirisch.**

O **(567º) Acadêmico Pedro Clóvis Junqueira**, nascido em São Luis do Maranhão em 1916 e Decano da Secção de Ciências Aplicadas à Medicina, é provavelmente o mais importante representante da Hemoterapia brasileira. Cursei em Paris o Mestrado em Imunogenética e Imunohematologia, sob a orientação de meu adorado Mestre, o Professor Charles Salmon, titular de Imunologia da Faculdade de Medicina Saint Antoine, onde me doutoraria em 1983. Salmon organizava o primeiro ano do Mestrado junto com Curso que conduzia ao Diploma de Universidade em Transfusão Sanguínea e, além dos aspectos imunogenéticos dos eritrócitos, obrigava os mestrandos a dominar os diferentes aspectos da hemoterapia. Assim, foi com emoção que fui recebido pelo Acadêmico Pedro Junqueira em sua residência, na primeira das visitas que lhe faria. Recebeu-me com, um dos belíssimos livros de história da medicina e de médicos brasileiros que a Editora e a Casa de Oswaldo Cruz publicam e com os quais aumentam regular e progressivamente meu amor e orgulho por minha Fiocruz. Pedro Junqueira me apontava na obra passagens sobre o Acadêmico Clementino Fraga Filho, seu colega de turma e objeto de amizade e admiração. Eu viria a saber depois que um terceiro Acadêmico, o Professor Hélio Aguinaga, por quem desenvolvi também grande amizade e carinho, era também colega de turma deles. Ganhei, de presente, o



clássico livro de hemoterapia de Junqueira, uma dedicatória com sua afamada letra miúda, e sua simpatia. Foi uma deliciosa surpresa descobrir que sua filha Patrícia Junqueira, fora companheira de *triathlon* de Patrícia Brasil, minha saudável e adorada mulher. Foi uma grande honra vê-lo integrar esta Comissão em memória dos inícios de minha formação em Imunologia. **Obrigado, Acadêmico Pedro Junqueira.**

Nascido em 1954, o **(599º) Acadêmico Francisco José Barcellos Sampaio** é um dos cinco Acadêmicos mais jovens do que eu e o que ingressou mais precocemente, em termos de anos de formado, na ANM. Conheci o Acadêmico Francisco Sampaio, Professor Titular da UERJ e Pesquisador Titular do CNPq, em seu gabinete na unidade urogenital da UERJ, quando me recebeu por ocasião da visita que lhe fiz na tarde do dia 24 de março. Apesar da sensação de afeto à primeira vista, simpatizamos, na realidade, antes disso. Após anunciar minha pretensão de me candidatar a esta Academia ao Presidente Novellino e depois de procurar a, hoje, minha amiga, Eliana Cotta-Pereira, viúva do saudoso Acadêmico Gerson Cotta-Pereira, cuja vaga tenho a honra de ocupar, apresentando-me e pedindo sua benção à minha candidatura, fui ter com o Acadêmico Francisco Sampaio, Presidente da Secção de Ciências Aplicadas à Medicina para lhe comunicar minha decisão e pedir seu beneplácito. Fiquei encantado com o telefonema que, em atenção à minha respeitosa deferência e após examinar meu currículo, deu em troca ao Omar: - *“Diga ao seu candidato para vir me visitar logo. Vou apoiá-lo”*. Foi com redobrado prazer que assisti a Francisco acompanhar, no seu jeito irreverente e decidido, com paciência e carinho, a cada etapa de minha campanha. Tal qual eu fazia com Omar, falamos à exaustão incontáveis vezes ao dia, todos os dias. Eu achava que só os Acadêmicos podiam entender tudo pelo que eu estava passando, e dentre estes, alguns pobres eleitos a quem eu me permitia incomodar mais. Agora, os escolhidos entre os eleitos eram o Omar e o Francisco, a quem incomodei ainda mais do que todos os outros. Francisco é um dos profissionais híbridos que amalgamam de forma bem sucedida um perfil de atuação clínica e cirúrgica respeitada por seus pares com o de pesquisador com vasta produção científica. Foi para manifestar minha entusiasmada admiração por este tipo de profissional que dá a cada dia um exemplo de superação de nossos limites aos jovens monotemáticos e hiperespecialistas que o recebi honrado em minha Comissão. **Obrigado, Acadêmico Francisco Sampaio.**

O **(626º) Acadêmico Paulo Marchiori Buss**, gaúcho nascido em 1949, é meu colega da Fundação Oswaldo Cruz, que dirigiu por dois mandatos sucessivos conquistados pelo voto direto da comunidade de Manguinhos. Não é preciso muita explicação para dizer que ele reúne competência e carisma, as duas primeiras virtudes que me vem em mente para explicar um tal sucesso. Buss foi substituído à altura por Gadelha, criando uma tradição Paulina. Também não é necessário grande esforço para entender que ele representa nesta Comissão a minha Instituição. Mas é mais do que isso. Evoco a abordagem dos antiquados puristas da taxonomia sócio-antropológica para considerar que Paulo Buss e eu somos da mesma sub-tribo da Comunidade Oswaldo Cruziana. Pertencemos ao grupo dos que acreditam no País e na necessidade de contribuir para fazê-lo progredir e atuam objetivando a melhoria da Saúde do povo brasileiro e vestindo as camisas da Instituição e do funcionalismo público com o mesmo amor e o

mesmo entusiasmo. Paulo acolheu minha candidatura e caminhou ao meu lado durante a campanha, explicitando claramente a seus colegas Acadêmicos e a mim mesmo que não era a coincidência de nossa Instituição comum que norteava a sua escolha, mas o fato de que, quase ao contrário, nosso convívio nela resultara no conhecimento que tinha tido de mim e que me faria merecedor de seu apoio mesmo que eu viesse de outra Instituição. Assim, Paulo ilustra também a minha certeza de que os critérios para ingressar nessa Casa são tão somente o mérito e a afinidade com o ambiente, as práticas, os princípios e as finalidades de uma Academia. Foi uma honra tê-lo nesta Comissão comigo. **Obrigado, Acadêmico Paulo Buss.**

### **Sobre o Acadêmico José Rodrigues Coura**

**Acadêmico Pietro Novellino**, Presidente da Academia Nacional de Medicina, são muito numerosas as razões para eu expressar meu reconhecimento à Vossa Excelência esta noite. Tive a honra de ser eleito sob a sua gestão, figura médica proeminente e cônica da posição que ocupa, e de receber de suas mãos as insígnias desta Academia. Beneficiei-me de sua pródiga acolhida desde os primórdios de minha candidatura, assim como de seu aconselhamento e orientação permanentes sobre as diretrizes do ritual, sempre respeitando a neutralidade que o caracteriza como Presidente desta Casa. Tivemos o feliz acaso de compartilhar uma viagem de carro, após a primeira reunião do ano na Academia Fluminense de Medicina, na qual também somos confrades. Não vou jamais esquecer de nossa prosa, informativa, encorajadora, determinante para a difícil decisão de me candidatar a essa egrégia Congregação. Manda o protocolo que o Presidente desta Casa indique, em comum acordo com o recipiendário, um dos Acadêmicos como orador para proferir a saudação ao *novel* Acadêmico, em nome da Academia. Tenho que agradecer à Vossa excelência também por ter acatado minha sugestão do nome do **Acadêmico José Rodrigues Coura**.

Talvez deva, por compromisso com a transparência de meus anseios e sentimentos mais do que por preocupação com a clareza de minha fala, informar aos meus confrades, convidados e familiares, que tomar tal decisão não foi tão fácil quanto anunciá-la ao Presidente Novellino. Na verdade, por muitas horas dos dias e por vários dias do tempo que precedeu o prazo em que eu deveria indicar o Acadêmico que me saudaria, minhas certezas se esvaeceram e minha objetividade se eclipsou. O Acadêmico Omar da Rosa Santos foi meu professor e preceptor no internato que tive a extraordinária oportunidade de fazer na Escola de Medicina e Cirurgia. Sua erudição e a vastidão de seus conhecimentos influenciaram-me decisivamente em minha obsessão pelo estudo das cadeiras básicas. O Acadêmico Omar recebeu-me com um discurso tão generoso quanto inesquecível na Academia Fluminense de Medicina e foi, junto com meu amigo o Acadêmico Francisco Sampaio, figura imprescindível para meu ingresso nesta Casa. Se por um lado, me falava alto o coração, por outro o clamor de um compromisso de lealdade histórica ao Acadêmico Coura me tirou por dias o sono. Entendendo que as cerimônias são, além de espaços de celebração, também foros de esclarecimento, decidi por esta partilha pública de minhas emoções durante o processo de escolha de meu paraninfo nesta cerimônia. Diante da notória grandeza dos dois

valores humanos que se configuravam como alternativas para mim, estou certo de que podem os Senhores aquilatar minhas implacidez e desassossego até que estivesse claro que optaria com muita honra e prazer pelo dever de fidelidade histórica que me une a José Rodrigues Coura. Eu voltara a dormir sereno.

Agora, assim informados, os senhores podem mais naturalmente alcançar que a saudação com a qual meu colega, amigo e Confrade, o Acadêmico Coura, me afaga o ego e adoça meu coração, está não só eivada da generosidade e sentimento que lhe são peculiares, mas tem, nesta noite, significado especial.

Como dedico à Fiocruz a maior parte das horas que passo acordado, não é de surpreender que eu tenha nela conhecido os maiores homens com os quais já convivi. Devo a uma situação difícil que atravessei, minha lendária amizade com o Acadêmico José Rodrigues Coura. É para reconhecê-la que optei por conceder a ele a tarefa de me saudar e decido reafirmar a ele e à audiência desta noite, publicamente, minha reconhecida gratidão à sua postura pródiga e corajosa, que está na origem de nossa bela história de fraternidade.

Em vez de descrever um episódio passado e já superado, elejo evocar uma significativa passagem da vida de Édouard Manet, pintor Parisiense e uma das mais importantes figuras do mundo das artes no século XIX. Aprendi a história há quase trinta anos, mas lembrei-me dela e decidi evocá-la ao lê-la sumarizada em um artigo publicado pelo cineasta Cacá Diegues em um famoso jornal diário carioca há exatos trinta dias. Manet pintaria, em 1865, um dos seus mais famosos quadros, o Olympia, que correspondia a uma mulher desnuda deitada. A representação foi considerada, na época, um escândalo e Manet atacado por todos. Seu conterrâneo, o escritor Émile Zola, escreve então um artigo defendendo a obra e o autor. Zola elogia entusiasmadamente o quadro e conclui que uma nova escola e uma nova moralidade estavam nascendo. O jornal que contratava Zola exige que ele se retrate e, como não o faz, é demitido e vê-lhe serem cerradas as portas de outros editores, mas não muda de opinião. Zola e Manet ficam amigos e este, grato, retrata aquele, à frente de uma mesa de trabalho abarrotada de livros e papéis, tendo uma reprodução do quadro Olympia ao fundo. Ícone dessa amizade, tal pintura torna-se quase tão célebre quanto a própria Olympia. Estão ambas, hoje, lado a lado, no Museu de Orsay, mas as conheci no Grand Palais em Paris de 1983, onde estava concluindo a redação da tese de doutorado que passaria em dezembro daquele ano.

Coura recebeu-me no Instituto Oswaldo Cruz, como seu Diretor, há quase exatos 27 anos. Antes disso, conhecia-o, somente de nome, antes de encontrá-lo, em Paris, no *Service de Maladies Tropicales et Mycologie* do Grupo Hospitalar Pitié-Salpêtrière, no episódio que já lhes narrou. Convivemos por bastante tempo como colegas, Pesquisadores Titulares e Conselheiros da instância máxima de deliberação de nosso Instituto. Em novembro de 1992, estávamos ambos em Pattaya, Tailândia, participando de um Congresso Internacional sobre Medicina Tropical e Malária (que, aliás, teremos a honra de organizar no Rio de Janeiro em 2012, exatos 20 anos mais tarde - Coura, nenhum de nós poderia sequer vislumbrar tal perspectiva na época) e procurei-o

anunciando-lhe minha intenção de me candidatar ao cargo de Diretor do Instituto Oswaldo Cruz, que envolvia pela primeira vez uma disputa eleitoral. Fui eleito meses depois, mas a amizade só veio mesmo quando, tal qual Zola, Coura comprou uma briga que não lhe pertencia. Para lhe agradecer, fiz-lhe uma carta, no estilo que agora as Senhoras e Senhores Acadêmicos já conhecem (por terem lido 15 em um curto espaço de tempo). Nela falei um pouco de mim, declarando-me um “quase reumatólogo” que em algum momento corrompera sua formação para se tornar um tropicalista interessado no estudo da imunologia da malária. Coura respondeu-me em uma carta, também no seu estilo e longa o suficiente para me segredar que ele, cardiologista de formação, também desviara sua vocação para se tornar um tropicalista interessado na esquistossomose e na Doença de Chagas. Tornamo-nos rapidamente velhos grandes amigos, tal qual irmãos, eu, que nasci idoso como Benjamin Button<sup>1</sup>, sendo naturalmente o mais velho, segundo Pierre Ambroise-Thomas, Membro Honorário Estrangeiro (França) desta Casa. Para reverenciar a gratidão que está na origem de nossa tão cúmplice fraternidade, evoco mais uma vez as palavras de Manet em 1866: - *Je suis heureux et fier d'avoir été défendu par un homme de votre talent.*  
**Obrigado, Acadêmico José Rodrigues Coura.**

### **Sobre o Acadêmico Omar da Rosa Santos**

Como é igualmente uma prerrogativa do Presidente da Academia eleger, sempre em concerto com o recipiendário, um dos Acadêmicos para realizar a entrega do diploma ao Membro Titular, devo mais uma vez expressar meu sincero reconhecimento ao Acadêmico Novellino, cujo espírito magnânimo e conciliador vi se manifestar também ao consentir com a minha sugestão da nomeação do **Acadêmico Omar da Rosa Santos** para esta função das mais honrosas na cerimônia de posse de um Acadêmico nesta Casa.

Foi no convívio com os Professores Omar da Rosa Santos e Mauri Svartman, meus inesquecíveis mestres e principais discípulos do admirável Professor Jacques Houli, na célebre 8ª enfermaria do Hospital de Clínicas Gafrée e Guinle, que verdadeiramente julgo me ter iniciado na prática clínica, aprendido os princípios da ética médica e estabelecido um compromisso permanente e inabalável com o respeito pelos pacientes e seus sofrimentos. Foi também com Omar e Mauri que fui fertilizado com os germes do bom senso clínico, do espírito investigativo e do exame cuidadoso do paciente. Das histórias de Mauri sei que terei ainda ocasião de falar nesta Casa, das de Omar tenho uma recordação indelével que me permito narrar aqui. No Serviço de Jacques Houli havia dois Cursos de Pós Graduação da Escola de Pós-graduação Médica Carlos Chagas, hoje dirigida pelo Acadêmico Ernani Aboim. Os alunos eram, inevitavelmente, vistos, por nós sexto-anistas, como mais sábios. Em uma das sessões clínicas conduzidas por eles foi apresentado um caso de colagenose mista, uma entidade

---

<sup>1</sup> “O curioso caso de Benjamin Button” (*The Curious Case of Benjamin Button*) é um conto de F. Scott Fitzgerald de 1922 que integrou a antologia “*The Curious Case of Benjamin Button and Other Jazz Age Stories*”. A história de um homem que nasce velho e rejuvenesce até sua morte foi filmada em 2008 por David Fynch tendo Brad Pitt e Cate Blanchet como atores principais.

clínica de descrição relativamente recente na época. Exceto pela epistaxe, não lembro dos sinais e sintomas da paciente que os fizeram optar por tal diagnóstico, mas Omar não pareceu convencido. Ao fim da sessão, tomou-me pelo braço e sentenciou: - Vamos ver a paciente! Chegamos ao seu leito e Omar fez o que provavelmente ninguém havia feito até então: examinou o nariz da paciente, onde achou uma enorme úlcera no septo nasal. Virou-se para mim e perguntou: - causas de úlcera nasal? Eu, que tinha o “Causas de”, de Aluísio Amâncio, como livrinho de cabeceira, comecei a lista. Omar interrompeu-me: causas infecciosas e eu pronto: sífilis, lepra... Omar me interrompeu de novo: - Vê se tem uma pesquisa de BAAR no prontuário dela... não tinha. Pede, ordenou ele! E fez o diagnóstico de lepra na moça que ia ser colocada sob corticóide. Ter tido essa lição com o Omar no Gaffrée valeu a minha promoção do *status* de índio Tupinambá diretamente para a condição de residente promissor no Serviço de Doenças Infecciosas e Parasitárias em Paris. Certa vez dois chefes de clínica de outro Hospital vieram à reunião de staff do Serviço apresentar um caso que denominaram de “Um caso de dermatomiosite atípica”. Uma moça branca com o diagnóstico de dermatomiosite e o *facies* mais encharcado e leonino que eu já vira, tratada por meses com corticóides e imunossupressores sem melhora. Eu levantei o dedo aflito, interrompendo a apresentação do caso, e perguntei pela pesquisa de BAAR. Meu vizinho de cadeira, um amigo libanês, hoje aposentado há poucos anos como oficial da Organização Mundial da Saúde, puxou-me pelo braço tentando evitar que eu passasse vergonha, mas os Professores visitantes já olhavam meio sem graça para o *patron* a quem disseram: - é esse o final da história. Era um caso de lepra em uma moça branca, situação com a qual não estavam acostumados. O Acadêmico Omar se tornou um dileto amigo nos últimos anos, meu confrade na Academia Fluminense de Medicina, onde me acolheu brindando-me com uma oração, no gênero que não preciso explicar aos Acadêmicos desta casa, coalhada de alocuções doutas e referências elogiosas à minha família. Nesta Casa Omar me acompanhou desde o surgimento da vaga na Cadeira 87, estimulando minha candidatura, acompanhando-a diuturnamente e tolerando todas as minhas alterações de humor e todas as minhas análises mais pessimistas. Foi um prazer conhecer, finalmente ao vivo e a cores, a mitológica figura de Dona Otília. **Obrigado, Acadêmico Omar da Rosa Santos.**

## Sobre a Educação

É antiga usança acadêmica que o recipiendário também aborde, em sua fala, um assunto de interesse da Academia, como a Saúde Pública, a prática clínica, a ética médica ou a investigação científica. Envolvido na vida Acadêmico-Científica desde o meu primeiro ano de formado, há 33 anos, poderia optar por discorrer sobre algum dos temas que afligem Cientistas e Líderes de Instituições Públicas de Pesquisa: políticas de avaliação do desempenho acadêmico-científico baseadas no impacto dos periódicos científicos em que publicamos, organização das Instituições de Pesquisa, estruturação do processo de produção de conhecimento moderno, a hiperespecialização e a formação de jovens pesquisadores... Tenho a sorte de pertencer a uma Instituição que, mesmo não estando imune aos problemas ligados a essas questões, é um Oásis na realidade Nacional, Sul-Americana e do Hemisfério Sul.

Uma história singela, entretanto, vivida durante a travessia da temporada de minha candidatura, me impressionou de maneira tão marcante, que fez nascer em mim o desejo de tratar do tema que acho que esteja por trás dela. Optei, assim por falar sobre a Educação fundamental e do respeito às regras em nosso País. Explico como tomei tal decisão.

Passei o fim de semana que precedeu o prazo final para entrega do currículo e da monografia trabalhando com minha leal secretária Cláudia Castro em meu Laboratório de Pesquisas no campus da Fiocruz. Na manhã de sábado, entrei apressado no Prédio, e não vi cair do bolso do paletó dobrado em meus braços, minha carteira de dinheiro e documentos. Instantes depois, batia à porta do Laboratório o zelador do prédio acompanhado de um funcionário da jardinagem, para a devolverem a mim. Antes de retomar meu trabalho, ditei uma carta ao Chefe de Serviço dos protagonistas do episódio fazendo comentários elogiosos sobre a, esperada e natural embora progressivamente rara, idoneidade deles. Dias depois, encontraria um dos funcionários na entrada do prédio. Saudou-me e disse que havia sido chamado pelo seu superior que lhe havia mostrado a minha carta e o elogiado. Confessou-me que, apesar de ter trabalhado com o mesmo afincamento e dedicação na Fiocruz todos os dias dos últimos muitos anos, nunca havia recebido uma carta de elogio, e que aquele era, sem dúvidas, o dia mais feliz da vida dele. Assim que fui eleito e experimentei uma emoção sem precedentes pensei em nossas felicidades, a minha e a de meu colega Luciano Faceiro, competente e dedicado funcionário dos jardins, vivenciadas em um dos dias (para dizer o mínimo) mais felizes de nossas vidas. Não tenho a menor idéia de se a amplitude e a intensidade de nossos sentimentos eram comparáveis (se é que é assim que se mede felicidade), mas pensei que fossem possivelmente de natureza muito distintas. Se escolho falar da educação e se começo este tópico do meu discurso vos narrando este acontecimento é porque considero que ela teria mudado a dimensão da expectativa e mesmo da natureza do dia mais feliz da vida de meu colega.

Vimos, nas últimas semanas, notícias assustadoras estampadas nas seções policiais dos principais jornais. Opto por me fixar em uma delas e vos apresentar uma série de acontecimentos lamentáveis e surpreendentes, no limite do crível, que correspondem a diferentes facetas de um mesmo triste evento. Terão que me perdoar pelos sentimentos de indignação que causarei aos senhores. Dois jovens amigos, um deles filho de uma famosa atriz de televisão, brincam, tarde da noite, andando de skate em um túnel temporariamente interditado em uma auto-estrada na cidade do Rio de Janeiro; um grupo de jovens, que faz no mesmo horário um pega de carros desrespeitando a sinalização e a própria interdição de tráfego naquele ponto, atropela um dos jovens, abandonando o local sem prestar socorro à vítima que vem a falecer; um grupo de policiais pára o carro seriamente avariado pelo atropelamento e exige uma propina para liberá-lo, mas, ao saber do acidente, aumenta o valor da propina solicitada; o pai do motorista do carro envolvido no crime se prepara para pagá-la, mas volta atrás; o capitão da Polícia Militar que julgava, dias depois, os policiais militares envolvidos na corrupção é autuado nove horas após, por furto e formação de quadrilha por ter sido preso com mais 10 pessoas roubando fios de uma operadora telefônica.

Penso que esta sucessão inimaginável de acontecimentos que, como dezenas de outros que ocorrem a cada dia em nosso entorno, pode ser tomada como exemplo, revela de forma caricatural a ausência de limites por parte dos diferentes protagonistas do episódio, a falta de respeito mais basal às regras de conduta e civilidade, o desprezo pela vida, e as deficiências graves na estrutura de uma Instituição que deveria ser o baluarte da disciplina, da ética e da moralidade.

Durante a campanha que realizei na fase que precedeu minha eleição, entregava nas visitas que fiz aos Senhores Acadêmicos, um artigo sobre a formação e utilização de imagens nos processos cognitivos. Durante sua redação, sentimos a necessidade de melhor formular as bases de uma idéia que batizaríamos de “a pré-história da imaginação”. Como transitávamos em uma área em que não éramos especialistas, acabamos estudando alguns aspectos da paleoantropologia. Pois bem, quero evocar aqui algumas informações antes de vos apresentar uma conclusão que, para tornar curta uma longa história, foi uma muito grande surpresa para nós ! Talvez o mais importante marcador exclusivo de nossa linhagem evolucionária seja a marcha bipedálica. Nenhuma outra característica isolada é tão marcante de nossa ancestralidade hominídea quanto o fato de nos deslocarmos em duas pernas. Tal característica do *Homo sapiens* está presente em nossos ancestrais mais antigos, como o *Australopithecus afarensis* (a Lucy) que tem de 3,2 a 3,7 milhões de anos de idade; o mais recentemente descoberto *Ardipithecus ramidus* (o Ardi), que recoloca nosso ancestral comum com os chimpanzés a 4,4 milhões de anos; e mesmo no *Sahelanthropus tchadensis*, que tem cerca de sete milhões de anos e sobre o qual há evidências de que, embora conservasse a capacidade de subir em árvores, tornou-se apto a caminhar por distâncias progressivamente maiores. Refiro-me agora a um outro aspecto da antropologia, na qual dizer que “o homem é o único animal inteiramente dependente de sua cultura” é um lugar comum. Aludo ao capítulo que se convencionou chamar de “as crianças selvagens” que, abandonadas, acabaram vivendo privadas do convívio com adultos da nossa espécie, às vezes com animais. Surpreendeu-me, sobremaneira, concluir que nem o caráter ou comportamento bipedal, para o qual desenvolvemos, por cerca de sete milhões de anos, uma estrutura óssea adequada, é instintivo o bastante para prescindir do componente educativo do convívio com adultos da espécie organizado em sociedade. As irmãs Amala e Kamala, perdidas em muito tenra idade na Índia do início do século passado e encontradas vivendo com cães selvagens, se deslocavam de quatro !

Os Senhores já sabem onde quero chegar: o homem precisa aprender até para ser humano, ao contrário das abelhas, ou dos lobos, que nascem sabendo praticamente o que tem que fazer, mas não farão mais do que isso. Podem até aprender pela observação, mas não ensinam o que aprendem. Só o homem transmite a cultura. Nada é, portanto, mais importante e vital para ele do que o que chamamos de sua educação. Assim, costume dizer que “organizarmo-nos em sociedade é nosso maior atributo e também nosso maior requisito”. A educação transforma o animal *Homo sapiens* no homem, é a interface entre nossa animalidade e nossa humanidade,

Quando o visitei, o Acadêmico Pedro Sampaio perguntou-me: - “Você acha, como Rousseau, que o homem é bom e a Sociedade o corrompe ou, como Kant, que ele é mau ou rude e a Sociedade o detém?” Acho, Acadêmico Sampaio, que o homem é, em seu estado primitivo inicial, um animal que carece do contato com indivíduos adultos de sua espécie para desenvolver sua humanidade. Tanto Victor, o menino selvagem, na França, Kaspar Hauser, o da Alemanha, as meninas lobas Kamala e Amala, da Índia e até a mocinha encontrada recentemente em uma floresta na Tailândia, mesmo recolocados em um ambiente social e familiar revelaram-se incapazes de desenvolver pensamento abstrato e expressar sentimentos.

Então educar é começar cedo. Priorizemos de forma sem precedente o reforço às Escolas Municipais e o Ensino Básico no nosso País. Como cientista e Professor Orientador de cursos de Doutorado em uma Instituição de Pesquisa do porte da Fiocruz aprecio o Sistema Francês que trata da Educação em dois Ministérios: o da Educação, para os Ensinos Básico e Fundamental, e o do Ensino Superior e da Pesquisa para o Ensino Universitário e a Pesquisa.

É lugar comum a comparação que começou a ser feita entre Brasil e Coréia do Sul nos anos 60 em um estudo do Banco mundial. Para mim deixou de ser um chavão depois que estive lá, aliás, junto com o Acadêmico José Rodrigues Coura, e constatamos cidades limpas, ricas, com gente educada e vestida convenientemente, carros bonitos na rua e um shopping como não vi em nenhum outro lugar do mundo no aeroporto de Seul. Um Coreano médio passa hoje mais tempo na Escola do que um Europeu. Colocada junto com Brasil e Gana no estudo dos anos 1960, a Coréia do Sul superou o Brasil, apontado na época como País do futuro, em vários indicadores incluindo a renda per capita e número de patentes. O Brasil liderava o grupo e tinha o dobro da renda per capita da Coréia (US\$ 350 nossos *versus* US\$ 170 deles). Hoje os números se inverteram e a deles é três vezes a nossa (US\$ 24.000 deles *vs* menos de US\$ 7.000 nossos). As razões são simples: um brutal investimento em educação. O que nem todos sabem é que na Coréia há cinco universidades nacionais de educação que formam professores para o ensino fundamental. Elas têm um vestibular extremamente disputado e recrutam seus estudantes entre os 5% melhores... do secundário. Esses vão ser professores no ensino fundamental. O número de vagas abertas nelas corresponde ao planejamento para o número de professores necessários para quatro ou cinco anos depois, por isso quem consegue entrar nessas universidades tem emprego praticamente assegurado e também a garantia de bom salário. O ordenado inicial de professores de ensino fundamental lá é, em média, maior do que os salários iniciais de outras profissões graduadas. Não parece muito com a nossa realidade...

*<sup>2</sup>Pensei, otimistica e ousadamente, Presidente Novellino, que, em um convênio de esforços com outras Academias, como as de Belas Artes, Ciências, Educação, Filosofia e outras, e a composição de duplas de Acadêmicos em cada uma delas, poderíamos vislumbrar a composição de Comitês Acadêmicos de Acompanhamento e Assessoramento de Escolas Municipais que aceitassem a nossa participação, e garantir não só atividades adicionais que os colocassem em contato com essas*

---

<sup>2</sup> O trecho em itálico, presente no texto original, não foi lido no Discurso de Posse.



*ciências, como lhes beneficiar com o prestígio dessas Casas para a captação de Recursos financeiros de forma a lhes facultar melhores condições de ensino. Eu, que como já vos disse, já nasci idoso, sentir-me-ia rejuvenescido se pudesse trabalhar com alguns dos verdadeiramente jovens desta Casa como os Acadêmicos Affonso Tarantino, Helio Aguinaga, Júlio de Moraes, Pedro Sampaio além, naturalmente de Vossa Excelência. Um estudo prospectivo tipo caso / controle de longo termo nos permitiria avaliar o resultado de tal iniciativa.*

## **Sobre a minha família**

O renomado escritor americano Paul Auster foi, certa vez, convidado por uma rede pública de rádios a fazer um programa mensal, no qual deveria contar histórias. Tentado a recusar o convite foi aconselhado por sua mulher a aceitá-lo e pedir aos ouvintes que as lhe enviassem. O resultado foi uma avalanche de cerca de quatro mil em um ano. Auster compilou e organizou as melhores em um livro que chamou singelamente de “Achei Que Meu Pai Fosse Deus” em homenagem a uma delas. Falo de Auster e de seu livro, sei que todos entenderam, para lhes anunciar minha decisão de falar-lhes um pouco de minha família.

Minha infância foi bastante modesta, meu pai e minha mãe eram exigentes e ocupados. Minha mãe era professora primária na Escola 2-3 Minas Gerais, sobre a qual já vos falou o Acadêmico Coura, na fronteira da Urca com a Praia Vermelha, onde meu pai, aviador militar estudava engenharia no IME. Éramos quatro irmãos e acho que ganhávamos nossos muito poucos brinquedos no Natal, de meus avós paternos: o sedutor e garboso Waldemar, dentista com consultório no número 1 da Marechal Floriano, e a divertida e bem humorada Adélia, ex-socorrista voluntária da Cruz Vermelha. O pai de Waldemar era o telegrafista Silvério Ribeiro, irmão do Acadêmico Leonídio Ribeiro. Se bem me lembro, meu pai dava lições de vida e minha mãe as de matemática, português, história e geografia. Cobrou-me as lições no curso primário e até que eu entrasse no Colégio Andrews. Acho que parou por aí. Fui bom aluno em seguida, inclusive no Colégio Jesuíta São Luis em São Paulo e, posteriormente no Colégio Militar.

De minha relação infantil com o meu inteligente, sábio e ocupado pai ficou a mesma percepção do título do livro de Paul Auster. Muitos anos depois, uma boa amiga me segredaria a impressão semelhante que a filha tinha dela, tanto que lhe perguntou na primeira viagem de avião que fizeram juntas: – “Mãe, se o avião cair, como você faz para me salvar?”. Quando transferido para São Paulo, meu pai levou-me com ele, uma vez, em um avião da FAB para fazer a prova no Colégio São Luís. Impressionaram-me suas respostas rápidas e seguras às minhas perguntas aflitas: – “Onde ficam os pára-quedas? – Não há pára-quedas! e se o avião cair? – Não vai cair ! “Então tá”, devo ter concluído... e viajei tranquilo em minha primeira experiência de deslocamento aéreo.

Dele, no gênero “Pai barra Deus”, tenho outra lembrança forte. Em uma das férias que passávamos em Caxambu ou Lambari anualmente, passeávamos, certa feita, em

bicicletas alugadas quando o caminho que tomamos se revelou a descida de uma ladeira íngreme na qual começamos rapidamente a ganhar velocidade. Meu pai recomendou-me que começasse a usar os freios. Lembrando-me de uma lição recente dele mesmo de que evitasse me servir do freio da frente em alta velocidade, fiquei na dúvida de como proceder enquanto a bicicleta acelerava perigosamente ladeira abaixo. Enquanto eu hesitava, dividido entre dois temores, aproximou-se um pouco mais, passou o braço por cima dos meus e freou simultaneamente as duas bicicletas, que pararam em segurança antes do cruzamento de carros onde imaginei que íamos ambos morrer.

No final dos anos 50 início dos 60, lembro-me bem que havia na televisão o seriado “Papai sabe tudo”, que, junto com o “Repórter Esso”, povoa ainda hoje a minha memória das experiências televisivas da época. Assim, penso que, me parecia normal que tal fosse o perfil de todos os pais. Não posso deixar de lhes confessar, entretanto, uma certa surpresa ao perceber que esta aura ultrapassou a minha geração para contaminar o imaginário de minhas filhas. Quando fui nomeado Professor Associado da Universidade de Paris VI, a mesma em que eu chegara exatos 20 anos antes para fazer um Doutorado em Biologia Humana, decidi levar minha filha mais velha que optara por lá morar comigo para estudar jornalismo. Após matriculá-la na Sorbonne, onde estudaria de economia da comunicação à tragédia grega, nos vimos diante da tentação (e do dilema de se deveríamos resistir a ela) de fazê-la cursar uma escola privada, caríssima e de excelente padrão, que priorizava a prática e colocava os alunos com câmara de filmagem e microfones na rua desde o segundo ano. Na dúvida ouvimos vários amigos, professores e diretores dos Cursos e conversamos muito. Não foi totalmente surpreso que a ouvi um dia sentenciar convidativa: – Pai, vamos ligar para o Vô ?

Para fugir da tentação de continuar falando dele contaria por fim só mais episódio, não porque menos importante ou por ter a idade de poucos dias, 12, para ser mais exato, quando levei o convite desta cerimônia em sua casa, ainda na mesma morada rosa em que residi na adolescência e juventude na rua Barão da Torre, mas por me ter ela impressionado bastante, Ele leu minha dedicatória simples: “A você, com a minha gratidão” e me convidou com doçura: – vem cá “um instantinho”. Pegou-me pela mão e atravessou comigo a sala de estar até a Saleta onde já ficou a vitrola na qual ele gostava de ouvir óperas e marchas militares. Parou diante da imagem grande do Sagrado Coração em bronze que ofertou à minha mãe em algum lugar do passado. Ainda segurando minha mão, rezou um Pai Nosso, concluindo: “Obrigado, Senhor, por essa conquista de meu filho Cláudio. Ajudai-o a usar essa posição em prol do bem comum e da saúde da população brasileira”. Fiquei tão impressionado com a beleza do momento que achei que ele tinha treinado antes...

Meus pais sempre foram religiosos. Mamãe faleceu tendo em seu colo a imagem antiga do Sagrado Coração que eu trouxe para ela de um antiquário de Arte Sacra de Natal. Nossos amigos que leram a singela autobiografia que deixou acabada, mas não viu pronta, sabem que só era mais devota de São Francisco de Assis, na generosidade e humildade de quem se inspirava, penso mesmo que devia se identificar. Artista,

pintora portraitista, era Membro da Academia Brasileira de Belas Artes. Não há absolutamente nenhum exagero em afirmar que ela viveu para amar seu marido, seus cinco filhos, seus alunos e nos ensinar o exercício da fraternidade e o amor a Deus. É nele e na fé que minha mãe também me ensinou que me apoio para suportar a falta que me faz esta noite.

## Agradecimentos

Meus agradecimentos poderiam facilmente corresponder à maior parte desta alocução. A meus pais, meus irmãos Cássia Maria, Regina Aparecida, Marcus Tadeu e Ayrton Filho, amados companheiros de todas as minhas horas nestes meus primeiros 58 anos de vida, a meu extraordinário avô Waldemar, quem primeiro me ensinou a fraternidade, à Beth minha primeira companheira e parceira de tantas ocasiões, que me deu meus sonhos, meus permanentes e deliciosos pedacinhos de marzipan que são minhas filhas Carolina e Mariana, que me deram tantos olhares de todos os tipos em tantos momentos distintos, como hoje à noite, orgulho e vontade de fazer as coisas, e os três lindos netos Lucca, Manuela e Pedro. A meus sogros Ronaldo e Maria Helena e à família Brasil que me honra com sua delicada atenção e afeto. A meus amigos que tornam minha vida ainda mais agradável: aqueles das Escolas Médicas de Petrópolis, da Souza Marques e da UnioRio; os meus contemporâneos, colegas e mestres, do Doutorado e atuais amigos de Paris; aqueles da Turma do Murinho de nossa adolescência e juventude; os do grupo da ABS<sup>3</sup> que frequento há quase uma década; e os que não se enquadram em nenhum destes grupos, muito obrigado. Também ao pessoal do Laboratório de Pesquisas em Malária e do Centro de Pesquisa, Diagnóstico e Treinamento, que tenho a honra de dirigir no Instituto Oswaldo Cruz e na Fiocruz respectivamente. Agradeço aos Seniores Lílian Rose Pratt-Riccio, Leonardo José de Moura Carvalho, Joseli de Oliveira-Ferreira, Dalma Maria Banic e Maria de Fátima Ferreira da Cruz, Vice-Chefe do grupo e parceira há mais de 20 anos. Sobre Lílian Riccio devo acrescentar que, sem ela, a monografia que apresentei a esta Casa não teria existido. Obrigado também aos alunos que me auxiliaram neste processo, desde tolerando meus atrasos e horários impossíveis até colocando a mão na massa para tornar possível o envio de correspondências semanais a 104 Acadêmicos acompanhadas de artigos em um total de cerca de 30.000 páginas de texto impresso: os Doutorandos Paulo Totino e Bianca Gama, os mestrandos Césare Bianco, Daiana Perce e Larissa Gomes e os PIBICS Frederico, Jeane e Aline. À Raquel Aguiar da Comunicação Social do Instituto Oswaldo Cruz, ao designer gráfico Fernando Vasconcelos, aos artistas encadernadores Frederico, Leonardo e Shirley Abreu, que aprontaram, sempre para ontem, mais de 100 exemplares de meu *Curriculum* e três de minha monografia, e à Ana Maria Mendes Tavares, neta do Ex-Acadêmico José Mendes Tavares, que fez esta posse acontecer no prazo marcado junto com a Graça e a Cláudia da Academia, também sou grato. Ao pessoal que mantém meu Laboratório, minha sala e os jardins de meu prédio nas condições primorosas em que tenho a honra de trabalhar: Dauto, Danielle, Verônica e Luciano. Às minhas extraordinárias Casas: o Instituto Oswaldo Cruz e a Fiocruz, às quais agradeço nas pessoas de seu dirigente

---

<sup>3</sup> Associação Brasileira de Sommeliers

máximo o Doutor Paulo Gadelha e de seus dirigentes Diretores e Presidentes passados. À Claudinha Castro, minha secretária que administra com generosa tolerância e bom humor os sub-produtos das opções que faço na vida, minha enorme gratidão. Ao prestigioso Corpo de Acadêmicos desta Casa que me acolheu com generosidade, carinho e fidalguia e ao expressivo número de vós que me apoiastes tornando possível a minha eleição no primeiro escrutínio, lembro que minha gratidão é infindável.

Minha doce princesa Maria, inteligente e misteriosa, faz, do alto de seus 12 anos, tentativas acrobáticas nos seus primeiros passos sociais no nosso mundo em que o malabarismo é a regra e a retidão é o desafio. Fi, seja assegurada de meu amor incondicional e de minha emocionada gratidão por sua tolerância com minha ausência intermitente nestes últimos tempos. Saiba também que acompanhar você à escola de manhã é um dos meus programas preferidos e também dos que requer de mim mais compenetração.

Já lá se vão 17 anos quando, no começo de meu namoro com a infectologista Patrícia Brasil, vi uma foto sua tirada no exato momento em que alçava vôo de Asa Delta do alto da Pedra da Gávea. Não hesitei em lhe dizer: - “Temo que você seja grande demais para mim”. Ela parou o que estava fazendo, e me veio olhar dentro dos olhos: - “Acho que você é quem é”. Eu, que me desloco, no máximo, de bicicleta, fico feliz que tenha dado empate e ela continue me aturando até hoje e me apoiando em todas as minhas escolhas e decisões. A ela dedico esta noite, naturalmente !

Muito obrigado

Cláudio Tadeu Daniel-Ribeiro